

REPRESENTAÇÕES DA ÁFRICA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA LITERATURA: UM ESTUDO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

REPRESENTATIONS OF CONTEMPORARY AFRICA FROM LITERATURE: A STUDY ON THE CONTRIBUTIONS OF LITERARY REPRESENTATIONS TO HISTORY TEACHING.

REPRESENTACIONES DE ÁFRICA CONTEMPORÁNEA DE LA LITERATURA: UN ESTUDIO SOBRE LAS CONTRIBUCIONES DE LAS REPRESENTACIONES LITERARIAS PARA LA EDUCACIÓN DE LA HISTORIA.

Ivete Batista da Silva Almeida
ivete.almeida@ufu.br
Doutora em História Social
Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

Os profissionais do ensino de história no Brasil, a partir dos anos 90, vêm buscando reduzir a distância entre a academia e a prática em sala de aula. É nesse contexto que um recurso tradicional do currículo, ganha nova função sob a luz da História Cultural: a literatura. Longe de se deter somente naquilo que é narrado descritivamente, a Literatura, na aula de História nos permite conduzir o aluno pela economia que rodeia o livro: elementos de produção e de apropriação, como especifica Chartier. Como estudo de caso, utilizaremos títulos da literatura contemporânea africana para trabalharmos questões como produção cultural, elementos comuns e elementos particulares de diferentes sociedades da África contemporânea. Dessa forma, a partir de obras de Pepetela (Angola) e Mia Couto (Moçambique) pretendemos apresentar uma África viva, atual, e não folclorizada. Como fundamento teórico para esta tarefa recorreremos à Teoria das Representações Sociais de Moscovici.

Palavras-chave: Literatura. História. História da África Contemporânea.

ABSTRACT

The professionals of history teaching in Brazil, since the 90s, have been trying to reduce the distance between academy and classroom practice. In this context, a traditional resource of the curriculum gains a new function under the light of Cultural History: Literature. Far from dwelling only on what is narrated descriptively, Literature in History class allows us to lead the student through the economy that surrounds the book: elements of production and appropriation, as specified by Chartier. As a case study, we will use titles from contemporary African literature to work on issues such as cultural production, common elements and particular elements of different societies in contemporary Africa. Thus, from the works of Pepetela (Angola) and Mia Couto (Mozambique) we intend to present Africa as live and contemporary rather than folklorized. As a theoretical basis for this task, we refer to Moscovici's Theory of Social Representations.

Keywords: Literature. History. African Contemporary History.

RESUMEN

Los profesionales de la enseñanza de la historia en Brasil, desde la década de 1990, han tratado de reducir la distancia entre la academia y la práctica en el aula. Es en este contexto que un recurso curricular tradicional adquiere un nuevo papel a la luz de la historia cultural: la literatura. Lejos de detenerse solo en lo que se narra descriptivamente, la clase Literatura en la historia nos permite guiar al estudiante a través de la economía que rodea el libro: elementos de producción y apropiación, como especifica Chartier. Como estudio de caso, utilizaremos títulos de la literatura africana contemporánea para abordar temas como la producción cultural, elementos comunes y elementos particulares de diferentes sociedades del África contemporánea. Así, de las obras de Pepetela (Angola) y Mia Couto (Mozambique) pretendemos presentar un África viva, actual y no folclórica. Como base teórica para esta tarea, recurrimos a la Teoría de las representaciones sociales de Moscovici.

Palabras clave: Literatura. Historia. Historia del África contemporánea.

1 INTRODUÇÃO

Desde a revolução das fontes, com a Terceira Geração da Escola dos Annales, por volta do início da década de 1970, a literatura surgiria como um importante aliado para a pesquisa em História. No capítulo “A literatura”, de autoria de Jean Starobinsky, para a obra *História, Novas Abordagens* (1976), organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, a literatura apareceria como uma das artes capazes de revelar para o leitor, e para o pesquisador, um pouco sobre as possibilidades e sobre as visões de mundo de uma época.

Já a partir dos anos 90 do século XX, com o aumento do interesse por trabalhos voltados para a temática da História Cultural e das representações sociais, a literatura ganharia ainda mais relevância, assumindo um papel importante não somente na pesquisa histórica, mas também como ferramenta para o ensino de História.

A História Cultural, por sua vez, é marcada pelas parcerias que estabelece com outras áreas do conhecimento como a Antropologia Interpretativa e a Psicologia Social, com essa última, estabelece diálogo sobretudo a partir da utilização do conceito de representações sociais. Com base nos estudos de Serge Moscovici e de Denise Jodelet, a Teoria das Representações Sociais (TRS), surge no horizonte da historiografia contemporânea para auxiliar o historiador na compreensão das diferentes visões sobre a realidade:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2012, p.39)

No caso do estudo das representações sociais e discursivas sobre da África contemporânea na literatura de autores africanos, a TRS nos coloca diante da possibilidade de irmos além do discurso dos documentos oficiais, trazendo à tona versões e representações

sobre as práticas e sensibilidades das pessoas que viveram momentos cruciais da história africana do tempo presente.

No campo da escolha dos temas e conteúdos voltados para a História da África nos currículos do ensino fundamental, no Brasil, a partir da implementação das leis 10.639/2003 e da lei 11.645/2008, um problema que se apresentava tanto para os pesquisadores quanto para os docentes de História era a dificuldade em contextualizar e representar de forma clara, o cotidiano de diferentes sociedades africanas contemporâneas para os estudantes brasileiros. O desafio era demonstrar de forma rica os diferentes modos de vida, os diferentes espaços, as diferentes tensões políticas, os diferentes costumes e valores, a partir de fontes que lhes permitissem romper com a padronização empobrecedora das representações visuais e discursivas veiculadas pelas grandes mídias. A literatura surgia, dessa forma, como um campo bastante fértil para a contextualização e a problematização das culturas africanas. Respeitando o lugar de fala dos autores, podemos tomar contato com o olhar africano sobre sua própria história, por meio da prosa e da ficção.

Acompanhando essa proposição, pretendemos, neste artigo, refletir brevemente sobre o uso da literatura como ferramenta para o trabalho com o ensino de História da África, no currículo do ensino fundamental, no Brasil.

1.1 Literatura e História

A perspectiva africana de pessoa nega que uma pessoa possa ser descrita apenas em termos de suas propriedades físicas e psicológicas. Será com referência à comunidade que uma pessoa pode ser definida. A importância da comunidade na auto definição é resumida por Mbiti: " Eu sou porque nós somos, e uma vez que somos, portanto eu sou"¹ (NUSSBAUM, 2003, p. 3).

¹ No original: "The African view of personhood denies that a person can be described solely in terms of the physical and psychological properties. It is with reference to the community that a person is defined. The importance of the community in self-definition is summed up by Mbiti: "I am because we are, and since we are, therefore I am." NUSSBAUM, Barbara. African culture and ubuntu: Reflections of a South African in America. World Business Academy. Perspectives, Volume 17, Issue 1 February 12, 2003, p. 03.

O excerto nos auxilia a entender a importância e o lugar da Literatura nos estudos de História. Muitos são os historiadores que discutem a relação entre História e Literatura, não somente no que se refere ao debate quanto à existência de uma semelhança entre as duas, em função da utilização das estruturas narrativas; mas sobretudo no que se refere à possibilidade do uso da Literatura como fonte para o trabalho com o estudo e a pesquisa em História por lhe permitir compreender um pouco mais sobre os comportamentos, e sentidos atribuídos pelos indivíduos as experiências vividas em sociedade.

Nesse debate, o tema da parcialidade do texto literário é frequentemente abordado. Para Roger Chartier (1990, p. 62-63), todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, será sempre uma representação do real e caberia ao historiador observar exatamente os elementos que compõem essa representação particular da realidade: quais os elementos em destaque, quais os personagens selecionados, pois tais elementos nos auxiliariam no delineamento das relações e construções ligadas a uma visão da sociedade em um momento específico. Isso porque, todo tipo de texto possui uma linguagem específica, na qual foi produzido, uma estrutura e uma linguagem própria de um segmento particular de produção, que obedece a regras peculiares ao meio intelectual de onde emerge, ao veículo em que será veiculada e ao público a que se destina.

Assim,

[...] contextualizar o texto com o qual se trabalha é indispensável para elucidar o lugar em que foi produzido, seu estilo, sua linguagem, a história do autor, a sociedade que envolve e penetra o escritor e seu texto. A época, a sociedade, o ambiente social e cultural, as instituições, os campos sociais, as redes que estabelece com outros textos, as regras de uma determinada prática discursiva ou literária, as características do gênero de escrita que se inscreve no texto, são questões que permeiam o texto escrito e constroem o autor de um texto, deixando nele suas marcas (BARROS, 2004, p. 137-138)

Embora a música, o cinema e as artes plásticas também tenham apresentado, representado e interpretado a África contemporânea, cada um desses meios possui sua própria

linguagem, seus objetivos comunicacionais e seu público; escolhemos a literatura, pois, em nosso entendimento, ela auxiliaria o estudante a compor um repertório de representações mais rico, posto que ela exige uma grande articulação da imaginação, num esforço de compreender o outro, exigindo que o leitor demarque as aproximações e as distâncias entre as experiências vivenciadas por ele mesmo e pelos personagens, possibilitando ao leitor experimentar um sentimento de empatia, rompendo assim, com imagens e representações pré-concebidas e estereotipadas das mídias. Segundo Nussbaum (2003), as imagens reducionistas e estereotipadas seriam um dos principais problemas na construção das representações do Ocidente sobre a África e os africanos, sendo esse problema originado por diferentes motivos:

Em primeiro lugar, grande parte da riqueza da cultura tradicional da África é inacessível uma vez que é por via oral, em vez de escrita, viveu em vez de formalmente comunicada nos livros ou revistas. É difícil aprender sobre a distância.

Em segundo lugar, alguns líderes políticos africanos optaram por trair muitos dos princípios muito filosóficos e humanitários em que a cultura Africano se baseia e os fracassos políticos nestes países africanos tendem a manchar os pontos de vista de muitos ocidentais.

Em terceiro lugar, as pessoas no Ocidente, por qualquer motivo, receber informação negativa e limitada através da mídia – imagens de guerras étnicas, as ditaduras, a fome e a aids predominam, assim que a contribuição potencial dos valores africanos é muitas vezes perdido nestas imagens² (NUSSBAUN, 2003, p. 1).

Estabelecer contato com uma literatura de autores africanos, para a construção de uma nova representação sobre a África, torna-se fundamental para que se possa superar o reducionismo fabricado pelas imagens e representações estereotipadas sobre a história e as culturas africanas.

² No original: “Firstly, much of the richness of Africa’s traditional culture is inaccessible since it is oral rather than written, lived rather than formally communicated in books or journals. It is difficult to learn about from a distance. • Secondly, some African political leaders have chosen to betray many of the very philosophical and humanitarian principles on which African culture is based and the political failures in these African countries tend to tarnish the views of many Westerners. • Thirdly, people in the West, for whatever reason, receive negative and limited information through the media -- images of ethnic wars, dictatorships, famine and AIDS predominate, so the potential contribution of African values is often lost in these images.” NUSSBAUN, op. Cit, 2003, p.1.

Em sua obra *Orientalismo*, Edward Said (1991) discute a formação da representação estereotipada do Oriente, produzida por uma literatura de autores Ocidentais que escreviam sobre o Oriente. Partindo dos diversos estereótipos cristalizados na fala de pensadores e em obras das artes plásticas e visuais, Said promove uma reflexão sobre o conceito de cultura e sobre a possibilidade de compreendermos de fato, o que é cultura, e, principalmente, como compreender a cultura “do outro” (SAID, 1991). Romper com estereótipos reducionistas, veiculados à exaustão sobre as sociedades das Américas, da África e do Oriente, torna-se a cada dia, um desafio maior e mais árduo para o professor de História, dado o volume de imagens e produtos midiáticos que as redes digitais veiculam diariamente, sem nenhum compromisso com a pesquisa, com as fontes ou com a verdade. Todavia, sem a desconstrução desses estereótipos será impossível compreendermos as diferentes culturas dentro de sua riqueza e suas particularidades.

A literatura nos auxilia a pensar sobre as formas como os sujeitos constroem o mundo social, suas formas de representação, assimilação, solidariedade e redes sociais, dinâmicas.

1.2 Literatura como lugar de memória:

Outra característica da literatura que enriquece sua parceria com a História é sua condição de lugar de memória,

[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, [...] se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los [...] (NORA, 1993, p.13).

Segundo Lebedeff (2015), o lugar de memória tem por objetivo fazer lembrar, não permitir a ação do esquecimento. Tal definição nos leva a recuperar as três dimensões do lugar de memória definidas por Nora: lugares materiais pelo fato de existirem enquanto

físicos e concretos; lugares funcionais devido ao fato de darem suporte às memórias coletivas; e lugares simbólicos que dão sentido e promulgam a memória coletiva (2015, p. 182).

Dessa forma, ao recorrermos a literatura produzida por autores contemporâneos, como por exemplo Mia Couto e Pepetela, encontramos a memória reconstruída a partir de uma narrativa que se vale do realismo, sobretudo no caso de Pepetela, e do realismo-fantástico³, no caso de Mia Couto.

A ficção e mesmo a literatura fantástica também nos revelam muito sobre o universo simbólico de uma cultura e de uma sociedade, todavia, a narrativa realista, possui um compromisso mais direto com a preservação de elementos da memória, favorecendo assim, o exercício do resgate dos significados que os eventos históricos assumem na representação do passado e do presente.

No caso da literatura brasileira, a produção dos realistas regionalistas também é frequentemente utilizada como material para o estudo da história da cultura e dos cotidianos dos sertões dos anos de 1930. Na literatura brasileira, os anos 1930 trouxeram consigo a literatura regionalista, fruto do projeto modernista, do Movimento Regionalista, de Gilberto Freyre, e também, fruto do desejo de registrar os dramas das regiões a que pertenciam, e não apenas isso, mas também uma resposta à sensível presença das secas nos jornais; com a

³ Entendemos aqui o realismo como o define Raymond Williams (1983) “um termo que descreve um *método* e uma *postura* em arte e literatura: primeiro uma excepcional acuidade na representação e depois um compromisso de descrever eventos reais, mostrando-os como existem de fato, sendo que aqui, em muitos casos, inclui-se uma intenção política WILLIAMS, R. Key words – A vocabulary of culture and society. New York: Oxford University Press, 1983, p. 259. E o fantástico como o define Todorov (1992): “Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Que percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos (...) O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. ” TODOROV, T. Introdução à literatura fantástica. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 2. ed. São Paulo Perspectiva, 1992, p. 15. Versão digital.

geração regionalista o sertão – tema principal dessa geração - era representado pela seca e o sertanejo representado pelo retirante tornar-se-ão imagens definitivas do sertão nordestino.

2 AS CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA DA LITERATURA E DA HISTORIOGRAFIA EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

A historiografia africana, de modo geral, segundo Paredes (2014), pode ser caracterizada a partir de alguns aspectos fundamentais: a) A historiografia de viés colonialista, fortemente marcada pelo pensamento evolucionista; b) A historiografia do contexto Pós-II Guerra, marcado pelo discurso nacionalista, marcada pelo pan-africanismo de William DuBois e pelas obras de Cheik Anta Diop e Leopold Sédar Senghor; c) A historiografia que busca as raízes culturais africanas.

No caso específico de Moçambique, Soares (2011) divide a história da construção identitária moçambicana em três períodos: do início do século até o início da luta armada em 1962; do início do conflito armado até a formação da FRELIMO (1962-1975); da formação da FRELIMO à sua transformação em partido único revolucionário (1975-1983).

2.1 A historiografia em Moçambique.

Embora cada um desses períodos tenha suas características de contexto, há pouca produção historiográfica sobre eles, e quando há, a interferências dos interesses políticos é muito nítida, praticamente destituindo o texto de sua historicidade.

Como dissemos anteriormente, a historiografia africana, de modo geral, pode ser caracterizada a partir de alguns aspectos, como a historiografia de viés colonialista, a historiografia do contexto Pós-II Guerra, marcado pelo discurso nacionalista e a historiografia que busca as raízes culturais africanas. No caso da historiografia moçambicana pode-se, segundo o Feijó e Cabecinhas (2009), dividi-la em dois períodos, quais sejam: ao longo do

Estado Novo, em que há o enaltecimento do papel civilizador do colonizador e a vocação colonial do país; após a independência, quando a historiografia procura desconstruir os paradigmas coloniais, destacando os conflitos sociais entre colonizadores e colonizados.

Todavia, chama-nos a atenção para a ausência de temas que lancem luz à aspectos que não necessariamente aqueles da trama política da história contemporânea do país. A transformação dos valores morais, a chegada e a convivência com novas religiões, a sociedade multiétnica, o drama do cotidiano durante a guerra civil, o cotidiano no pós-guerra civil, não são o foco daquela historiografia.

Tais temas ficariam a cargo da literatura. Em *O livro que era uma casa. A casa que era um país*, Mia Couto expõe a missão da literatura diante do processo de construção da história, da memória e da identidade moçambicana ao retomar a fala de Graça Machel:

Há cerca de trinta anos atrás Graça Machel – que era então Ministra da Educação – convocou um grupo de escritores para lhes dizer que estava preocupada. Estou preocupada, disse ela, estamos a ensinar nas escolas valores abstractos como o espírito revolucionário, do patriotismo, o internacionalismo. Mas não estamos a ensinar valores mais básicos como a amizade, a lealdade, a generosidade, o ser fiel e cumpridor da palavra, o ser solidário com os outros. E ela pediu-nos que escrevêssemos histórias que seriam publicadas nos livros de ensino. Graça Machel tinha a convicção que uma boa história, uma história sedutora, é mais eficiente do que qualquer texto doutrinário⁴ (COUTO, 2015, s/ página).

Tanto a fala de Mia Couto, quanto na fala de Nussbaum, que apresentamos no início deste artigo, reafirmam a existência de uma produção historiográfica deficiente, no que tange à história contemporânea de Moçambique, legando à literatura, a tarefa de apresentar ao leitor e aos estudiosos, uma apresentação das vivências de homens e mulheres moçambicanos diante do desafio das guerras e da redemocratização do país.

⁴ Discurso proferido por Mia Couto ao receber o título Doutor “Honoris Causa”, pela Universidade Politécnica de Maputo. COUTO, Mia. *O livro que era uma casa. A casa que era um país. Conti Outra. Disponível em* <<https://www.contioutra.com/o-livro-que-era-uma-casa-a-casa-que-era-um-pais-por-mia-couto/>>. Acesso em 28 fev 2019.

Reflexo do roteiro que norteia a maior parte das pesquisas em História no país, os livros didáticos moçambicanos também privilegiam a narrativa da história política, em detrimento da descrição de temas ligados à história da cultura e dos cotidianos da sociedade:

Os conteúdos programáticos do ensino da história de Moçambique, que enaltecem o papel de inúmeros moçambicanos na resistência multi-secular a um invasor estrangeiro, poderão explicar a forte associação do período colonial à ‘luta dos colonizados pela obtenção da independência’. A partir da análise dos manuais oficiais do ensino de História de Moçambique para o 4º, 5º, 6º e 7º ao de escolaridade, Adília Ribeiro (1997) fornece uma análise acerca dos fundamentos ideológicos subjacentes à versão oficial da história do país, que terá influenciado as populações mais novas nas suas construções mentais do período colonial e da independência de Moçambique. Reis e imperadores africanos, dinamizadores de movimentos (proto) nacionalistas urbanos ou da frente de libertação de Moçambique constituem heróis moçambicanos, frequentemente exaltados não só nos manuais de história, mas também nos discursos políticos, na comunicação social ou na toponímia da cidade de Maputo” (FEIJÓ; CABECINHAS, 2009, p. 41).

Entender esse contexto é importante para termos a correta dimensão do problema que se apresenta diante dos professores brasileiros de História. Não se trata apenas de uma dificuldade pontual, brasileira, no acesso à trabalhos sobre a História moçambicana por um viés cultural, na verdade, mesmo em Moçambique, com foi possível perceber, esses trabalhos pouco existem. A representação dos modos de vida e das sensibilidades da população moçambicana, diante dos eventos recentes de sua história, fica mesmo a cargo da literatura.

2.2 A Literatura em Moçambique.

Assim como em Angola, durante o século XIX, literatura e imprensa foram grandes parceiras. A literatura moçambicana foi em grande parte uma extensão da literatura portuguesa até o final da década de 1930. Pode-se afirmar, contudo que a produção literária mais autêntica surge a partir da década de 1940, em periódicos publicados por intelectuais e escritores, em geral de contestação ao colonialismo português, a exemplo do *Brado*

literário que circulou no país entre 1918 e 1974 com textos de Rui Nogar, Marcelino dos Santos, José Craveirinha, Orlando Mendes e Virgílio Lemos (JORNAL LIVRE OPINIÃO, 2016).

No caso de Moçambique, a narrativa sobre os costumes é marcada por duas obras significativas, correspondendo cada uma delas a um recorte cronológico e um contexto ideológico bastante significativo. A primeira seria “*Os usos e costumes dos Bantos*”, de 1913 de Henri Junot, que em uma narrativa, mais próxima da etnologia, descreve as experiências do viajante, de forma memorialística, desde os anos de 1890. A segunda, igualmente etnológica, “*O folclore moçambicano*”, de José Craveirinha, que reúne um conjunto de textos publicados pelo autor, no *Jornal O brado africano*, de 1952 a 1987 (PAREDES, 2014)

Entre 1964, quando do início da luta armada de libertação nacional, até 1975, quando Moçambique conquistou sua independência política, a literatura adotou a vida em uma sociedade em meio à revolução e a luta armada como principais temas. Todavia, em 1975, quando da independência, o país ainda não possuía um regime de produção e consumo de literatura internos, que atendesse às demandas de um público igualmente interno. Além dos temas como a vida em meio à revolução e a guerra civil e pós-guerra civil, a estética literária moçambicana permite ao leitor adentrar no universo dos aspectos culturais moçambicanos, sua pluralidade e tensões.

2.3 A literatura em Angola

A expressão das ideias e dos anseios dos intelectuais angolanos, antes de se fazer presente na produção literária, teve como palco de discussão a imprensa escrita. É possível rastrear a presença de produções literárias na imprensa desde o início do século XX.

Em 1901 foi publicado a *Voz d'Angola Clamando no deserto*, um volume com tiragem de 1000 exemplares, contendo artigos escritos pelos principais intelectuais angolanos da época em resposta a um artigo racista (Contra a lei, pela grei) publicado na *Gazeta de Loanda*, em que segundo [...], um colonialista expunha abertamente toda uma carga de preconceitos em relação aos angolanos, propondo a criação de uma justiça para os negros e outra para os brancos, sugerindo a substituição das penas de prisão por castigos corporais

aos negros infratores e protestando contra a condenação de brancos que ofendessem os nativos (SANTOS, 2006, p. 2).

Embora a historiografia da época não discutisse as tensões sociais entre brancos e negros em terras ocupadas pela colonização, os contos e as poesias traziam consigo os temas e os sentimentos que vinham à tona com a presença do tema da independência política um dos principais temas discutidos publicamente pela intelectualidade.

Ao pensarmos sobre o valor da literatura como fonte para a compreensão de questões das vivências e das representações dos cotidianos, almejamos transcender a narrativa que se limita a uma cronologia dos fatos políticos para adentrar no universo das relações culturais, valores, costumes, permanências e transformações. A presença de tais elementos, no caso da literatura angolana pode ser observada já no período da “quase não literatura”, um exemplo seria

O romance *O segredo da morta- romances de costumes angolezes*, de Antonio de Assis Júnior (1878-1960), publicado primeiramente em folhetins por *A vanguarda*, em 1929 e em livro em 1935. Essa obra é considerada por Rita Chaves como o texto em que se pode verificar a presença de uma atmosfera de fato angolana, que mesmo insuficiente para que se exorcizem os valores portugueses, permite que a obra seja vista como o ponto inaugural da trajetória do romance em Angola (SANTOS, 2006, p. 2).

Embora, segundo Santos (2006) o período entre 1890 a 1929 – denominado período de *quase não literatura* - correspondesse a um período de menor número de produções significativas para a literatura angolana, nos anos 30, da mesma forma em que no Brasil o movimento modernista trouxera à tona o debate sobre um nacionalismo com bases autóctones, em Angola, os escritores da década de 1930 trouxeram para sua literatura temas de crítica social ligados à sofrida realidade angolana, de povo vilipendiado por ser colonizado e também por ser negro (CAPITA, 2011). Contudo, a semelhança entre o movimento literário angolano e o modernismo brasileiro não seria fruto do acaso, a literatura modernista brasileira influenciou diretamente os escritores em Angola.

O diálogo entre as literaturas brasileira e angolana acentuava-se na década de 40 e a partir daí vai-se fortalecendo através dos textos poéticos a identidade do povo angolano. Muitos temas são comuns a essas literaturas: a valorização da natureza e a cor local. A terra é cantada nas duas literaturas, a fim de afirmarem suas nacionalidades, e os índios no Brasil, como os negros em Angola (CAPITA, 2011, p. 22).

A literatura legitimamente angolana do século XX teve como marco o ano de 1949, com a publicação de “Terra Morta”, de Castro Soromenho, que se diferenciou da literatura colonial que a antecedeu, em função da presença de elementos do neorrealismo português bem como do regionalismo brasileiro. Tal obra nasce em um período conturbado, no qual o projeto de construção do Império Colonial Português, definido no Ato Colonial de 1930, havia produzido profundas marcas e grande revolta nas colônias, uma vez que o desejo de interferir e definir padrões culturais era o coração do Ato (OLIVEIRA, 2011). Dessa forma, a literatura angolana dos anos 50 desprender-se-ia definitivamente da antiga literatura de coleta de casos e memórias antigas, como também se desprendia dos romances que apresentavam a África como cenário de aventuras exóticas. Importa aqui observar que essa literatura, que surge na década de 50, traz consigo uma narrativa de grande valor para a compreensão do contexto histórico, uma vez que valoriza o realismo – na construção de espaços, valores, cotidianos – e a crítica política e social.

2.4 A historiografia em Angola.

Quanto à produção historiográfica em Angola, segundo o historiador angolano Júlio Mendes, a historiografia angolana, mesmo em pleno século XXI, ainda estaria em dívida com seu próprio passado, pois haveria uma lacuna, separando a historiografia sobre o período colonial de uma historiografia angolana que verdadeiramente dê conta dos processos da história contemporânea do país, que nos permitiria compreender plenamente os processos e relações que envolveram os movimentos sociais e culturais da luta pela independência até a consolidação da Angola livre, conforme lemos no *Angola Press*. "Do nosso ponto de vista a temática da luta clandestina deve inscrever-se nas preocupações da historiografia angolana e nas linhas de investigação e de dissertação nas Universidades do país para que possamos resgatar e transmitir uma parte considerável de imenso patrimônio" (2005). Para o historiador

Júlio Mendes, um outro problema seria ainda a presença pequena de historiadores que se interessem por temas como a luta clandestina e a libertação nacional.

Retomando as descrições sobre as temáticas da literatura, entendemos que justamente as lutas, memórias e vivências estariam presentes nas narrativas sobre a Angola contemporânea. Portanto seria nos depoimentos, nas memórias e nas construções da ficção, que descrevem de maneira literária o contexto da contemporaneidade que poderíamos encontrar aquilo que a historiografia ainda não registrou.

3 RESULTADOS: UTILIZANDO A LITERATURA PARA ENTENDER A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:

3.1. As confissões da Leoa – Mia Couto

Em muitos de seus romances, Mia Couto mescla pesquisa histórica à ficção, como na trilogia *As areias do tempo* (2015-2018), em que descreve o desfecho das guerras entre os portugueses invasores e o rei Mdungazwe Ngungunyane em 1895, a partir de uma longa pesquisas em fontes históricas, como as cartas de oficiais portugueses e documentos oficiais da época. Couto utiliza também com frequência relatos de memórias e vivências, somadas à uma estrutura de narrativa fantástica, possibilitando ao leitor ao mesmo tempo, o contato com eventos documentados e os significados que estes assumiram no universo da memória e das representações das pessoas comuns.

Inspirada em uma experiência real, o mote da obra *A confissão da leoa* (2012), é o ataque de leões a uma pequena comunidade no norte de Moçambique. Entretanto, o episódio se desenvolve como pano de fundo para iluminar tanto questões existenciais, como a morte e a loucura, quanto impasses sociais e históricos ao refletir a condição da mulher e as marcas deixadas pela colonização e pela guerra.

O livro inicia com a narrativa do personagem do *escritor*, que explica com tivera contato com a história que irá nos contar:

Em 2008, a empresa em que trabalho enviou quinze jovens para atuarem como oficiais ambientais de campo durante a abertura de linhas de prospecção sísmica em cabo Delgado, no Norte de Moçambique. Na mesma altura e na mesma região, começaram a ocorrer ataques de leões a pessoas. Em poucas semanas, o número de ataques fatais atingiu mais de uma dezena. Esse número cresceu para vinte em cerca de quatro meses (COUTO, 2012, p. 7).

Ao observarmos a apresentação do espaço físico e social onde irão acontecer os movimentos da narrativa, nota-se o conjunto de elementos compositivos que constroem a representação da parte Norte de Moçambique. A escolha do Norte, área de instabilidade política, por conta da presença das guerrilhas, permite ao autor, nos colocar diante de grandes tensões políticas; a presença do colonizador e sua ação predatória de exploração de minérios, representada pelas linhas de prospecção; e a metáfora dos ataques dos leões, que em toda a narrativa ora são leões de fato, ora são a força nativa de reagir na luta por querer sobreviver. A representação construída por Mia Couto nesse pequeno excerto, nos coloca para além do factual, conferindo dimensão humana a esses personagens que irão representar uma população acuada entre diferentes medos e opressores, representados aqui pelos leões.

No decorrer da obra torna-se possível compreender um pouco sobre o sentimento de isolamento que os moradores de áreas distantes e desoladas sentem. É também possível, por meio da narrativa, observarmos a articulação entre o antigo e o moderno, na forma como algumas pessoas resistem e outras aceitam a possibilidade do sobrenatural.

Se as representações sociais têm por função “tornar o não-familiar, familiar” (MOSCOVICI, 2007), para que possamos entendê-las, torna-se fundamental reconhecermos os elementos e os processos que condicionaram a construção de tais representações, no caso da literatura de Mia Couto, podemos observar que o autor nos permite ir um pouco mais além, nos revelando mais sobre os processos de recepção e apropriação. A independência, a revolução e a relação entre a população e os guerrilheiros, nos são apresentadas a partir dos sentimentos, desejos e mágoas dos personagens. Dessa forma, as representações dos personagens sobre os eventos, nos revelam uma possibilidade de sentidos sociais que esses

eventos podem ter assumido para uma parcela da população. Ainda em outra passagem, as escolhas na composição das representações discursivas, nos revelam um pouco mais sobre os dramas das pessoas comuns em meio à guerra:

Na realidade, lá fora cresciam disparos e explosões. O padre Amoroso era solicitado para funerais cada vez mais frequentes, cada vez mais distantes. A população de Kulumani, incluindo os meus pais, há meses se transferiram para Palma. Ficaram apenas Adjiru e seus cinco irmãos. Estavam convencidos de que, por serem velhos, seriam poupados. Mas não era a idade que os salvava: eles pagavam pela sua segurança. Aquilo que caçavam era para dar aos soldados de um e de outro exército (COUTO, 2012, p. 130).

Com muita delicadeza e precisão, o autor, pela voz da personagem Mariamar, nos coloca diante da cruel situação em que se encontravam muitos daqueles que não conseguiam fugir das áreas de conflito armado: eram vítimas de violência e de extorsão, tanto por parte dos soldados do governo quanto dos que conduziam a revolta. A história oficial, registrada pelo colonizador, e depois pelo governo revolucionário nada registra a esse respeito, mas as memórias dos moçambicanos, sim. Indo muito além da mera descrição do avanço do conflito armado e seus personagens e interesses políticos e econômicos, a representação discursiva construída no texto, denuncia a situação de abandono dos velhos e dos pobres dá ao leitor, a possibilidade de compreender um pouco da dimensão de sensações, relações sentimentos experimentados por aqueles que vivenciaram as guerras no extremo norte do país.

3.2. O planalto e a estepe – Pepetela.

O livro começa com o narrador, Júlio, descrevendo onde nasceu, sua família – mãe angolana, de Huíla, Sul de Angola, onde Julio também nascera, e pai português, de Trás-os-Montes - e também, os tempos da escola.

Mais tarde, porém, ele vai descobrir que há o racismo. Sua relação com os amigos do curso de Medicina em Portugal, vai lhe colocando em situações onde sente a necessidade de se aproximar dos outros estudantes africanos, por uma questão de identidade. Após perder a

bolsa de estudos por mal rendimento no curso, resolve partir para o Marrocos junto com mais uns amigos para participar da revolução. Lá chegando, o grupo foi dividido: enquanto os mais escuros iam lutar, os mais claros iriam estudar na Europa.

Andámos uns meses por Rabat, onde havia um escritório para os movimentos das colónias portuguesas. Querendo ir lutar. Era um grupo misturado, todas as cores. Depois dividiram-nos. Os mais escuros iam combater. Receberiam treino militar na fronteira entre Marrocos e Argélia. Os mais claros tinham bolsas de países amigos, iam estudar para a Europa. A razão era não existirem condições subjectivas para os mais claros participarem na luta armada. Traduzido por miúdos, os mais claros ainda não eram suficientemente angolanos para arriscarem a vida na luta pela Nação, pelo menos havia dúvidas quanto à sua nacionalidade (PEPETELA, 2009, p. 20).

Na narrativa do personagem Júlio, é possível perceber tanto a presença da diversidade de fenótipos entre os jovens africanos que se alistavam para as guerras coloniais – na referência às cores de pele – quanto a presença da questão racial como um elemento fundamental na organização de questões objetivas da vida, demonstrando a prática da segregação mesmo entre aqueles que organizavam os movimentos armados de resistência contra os colonizadores – como era o caso do escritório marroquino em Rabat, citado no excerto). Escolher tais elementos na composição das representações discursivas, indicam-nos, não o desejo do autor descrever contextos e sentimentos presentes naquela sociedade.

Na trama, o personagem Júlio sentia-se então desiludido e humilhado. É mandado, para estudar em Moscou, na Rússia e lá resolve cursar Economia. Lá se torna amigo de um rapaz senegalês e se enamora por uma estudante da Mongólia, experiências que mais uma vez colocarão o protagonista diante de duras realidades, ligadas aos rumos socioculturais e políticos das diferentes sociedades.

Construindo uma narrativa num estilo mais realista e menos simbólico que o de Couto, Pepetela nos permite lançar a reflexão sobre o contato entre as culturas e as sociedades angolana e portuguesa, em virtude da herança cultural e política; bem como a proximidade entre Angola e Rússia, demonstrando a pluralidade e as dimensões das relações intelectuais e diplomáticas do país sob o socialismo. Além disso, questões como valores tradicionais e

modernização, identidade, etnia, sociabilidades, afinidades e sensibilidades também podem ser discutidos a partir do texto:

Acabei por reconstituir um grupo de amigos, entre os que tinham estudado no mesmo liceu do Lubango e outros, os de Luanda. Um moçambicano e um cabo-verdiano pelo meio. Com ligações mais ou menos frouxas com companheiros em Lisboa, o centro principal. Pessoas com ideias próximas, sobretudo em relação ao colonialismo, um grupo, portanto. Os livros subversivos começaram a circular, com eles poemas de gente que estava presa ou prestes a ser, ou já bazara para o estrangeiro. Havia efervescência no ar, se notava. 9...0 Suportava as aulas sem rendimento e sonhava com lutas. De libertação, pois claro. Como a dos argelinos, que tinham mandado os franceses pregar para outras paragens, na terra deles não queriam mais donos estrangeiros. Os franceses não respeitaram esses desejos, tentavam manter o império, e a guerra continuava. Li o célebre livro de Franz Fanon, médico antilhano que lutava ao lado dos argelinos e teorizou a luta de libertação. Nem sempre me entendia com ideias contraditórias existentes nos livros, pois percebia que Fanon diferia de Marx ou Sartre, sendo embora próximos (PEPETELA, 2009, p. 18 e 19).

A representação do ambiente estudantil vivenciado por um fictício jovem mestiço em 1961, em Lisboa, nos permite compreender um pouco sobre as tensões que envolviam as relações étnico-raciais do momento, bem como a questão das solidariedade e construção de uma identidade decolonial, a partir da escolha do autor em nos mostrar não apenas as ideias que surgiam, mas também os autores que as fundamentavam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da literatura, é possível observarmos temas, valores, espaços e contextos que, cruzados com outros documentos auxiliam-nos à re-escrever a História de um grupo. O discurso e suas estruturas auxiliam-nos ainda na percepção de inclinações ideológicas presentes na fala dos personagens que representam e “delimitam a memória histórica” (Silva, 2013). Dessa forma:

[...] a narrativa se apresenta como espaço de interseção e de ultrapassagem das fronteiras, quer entre a história e a ficção, quer entre o público e o privado, em virtude de sua natureza biográfica, ainda que romanceada; transforma, pelo deslocamento ou pela combinação, os limites entre o *factum* e o *fictum* (SILVA, 2013, p. 115)

É importante lembrar que, como documento, não existe um gênero literário mais ou menos verídico. Os romances, os registros de memórias, as biografias, as autobiografias, todos eles necessitam ser analisados e confrontados para que o historiador possa se valer das pistas que tais produtos literários nos trazem sobre o presente e sobre o passado. As literaturas africanas de língua portuguesa por sua busca de uma identidade nacional no contexto das lutas contra o colonialismo, têm por característica pensar a identidade do país não como colônia, mas como nação independente. Nos casos de Angola e Moçambique, segundo Soares:

Trata-se de uma literatura de luta e conflito, uma literatura produtora e problematizadora de identidade, uma literatura que dialoga de modo ambíguo com a “tradição”, a “literatura colonial” e com o seu tempo. Uma literatura tipicamente moderna, no sentido de ser aquela que surge da contingência de um conjunto de mudanças e que expõe um sem número de conflitos e contradições (2011, p. 100).

Dessa forma, em países como Angola e Moçambique, a literatura acabou por assumir um papel muito importante, ocupando um espaço deixado pela ausência de pesquisas e trabalhos que buscassem descrever e problematizar temas como: as revoltas e suas consequências, a sociedade em meio à guerra civil, a vida pós-guerra civil, os novos e os velhos valores morais, religiosos e culturais, enfim, temas que esperamos ver futuramente também descritos e analisados pela antropologia, pela historiografia e pela etnologia.

A literatura pode ser uma útil ferramenta para salvar a experiência humana das armadilhas do esquecimento, o professor de História, sobretudo nos anos escolares, nem sempre têm à mão, a documentação historiográfica necessária para abordar de forma adequada todos os aspectos das culturas do tempo presente. Dessa forma, entendemos que a parceria com a literatura contemporânea pode não apenas recuperar a memória, mas auxiliar a história, na interpretação das representações sociais e na superação dos estereótipos, possibilitando aos estudantes a construção de um referencial discursivo muito mais rico, sobre as culturas africanas de nossos dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGOLA PRESS – Historiografia angolana apresenta lacunas de obras e textos da luta clandestina. Reportagem, 10 de maio de 2005. Disponível em <http://www.angop.ao/angola/pt_pt/especiais/historico/angola-30-anos/2005/4/19/Historiografia-angolana-apresenta-lacunas-obras-textos-luta-clandestina,45d296d7-5b15-4175-b5b0-dea22ff8e2cb.html>. Acesso em 30 maio 2016.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especificidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF, Seção 1 - 10/1/2003, Página 1.

BRASIL. **Decreto- LEI Nº 11.645**, DE 10 março de 2008. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF, Seção 1 - 11/3/2008, Página 1.

CAPITA, Carla Monyke Pereira de Lima. **A Influência Do Modernismo Brasileiro Na Literatura Angolana**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 32 p. 2011. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/ccl/images/Documentos/TCCs/A%20INFLUNCIA%20DO%20MODERNISMO%20BRASILEIRO%20NA%20LITERATURA%20ANGOLANA.pdf>>. Acesso em 30 maio 2016.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

COUTO, Mia. **As confissões da Leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da Literatura Angolana**. Cuba, União dos Escritores Angolanos, 1985.

FEIJÓ, João; CABECINHAS, Rosa. Representações da História de Moçambique por parte de estudantes universitários de Maputo. **Anuário Internacional da Comunicação Lusófona**, v. 7, 2009, p. 37-52.

JORNAL LIVRE OPINIÃO: Ideias em Debate. Moçambique: a independência política e literária, 25 de junho de 2014. Disponível em <<https://livreopiniao.com/2014/06/25/mocambique-a-independencia-politica-e-literaria/>>. Acesso em 30 maio 2016.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar; KLUG, Ramil Marlise Buchweitz; LIMA, Rosimeire Simões de. Literatura como lugar de memória: uma análise do romance Satolep, de Vitor Ramil. **Revista ANTARES**, v. 7, n 13, p. 182-198, 2015. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/2954/1844>>. Acesso em 10 maio 2018.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. -5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, v.10, p.7-28,1993.

NUSSBAUM, Barbara. African culture and ubuntu: Reflections of a South African in America. World Business Academy. **Perspectives**, v. 17, n. 1, p. 01-12, 2003.

OLIVEIRA, Susan A. de. Terra Morta: Perspectivas da historiografia literária e da História social de Angola. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE**, 1, 2011, Florianópolis, *Anais...* Florianópolis, UDESC, 2011, p. 798-804. Disponível em

<<https://sobrecs.files.wordpress.com/2012/03/253-502-1-pb4.pdf>>. Acesso em 30 maio 2016.

PAREDES, Marçal de Menezes. A construção da identidade nacional moçambicana no pós-independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa. **Anos 90**. Revista do Programa de pós-graduação em História, v. 21, n. 40, p. 131-161, 2014. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/46176>>. Acesso em 10 maio 2018.

PEPETELA. **O planalto e a estepe**. São Paulo: Leya, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SAID, Edward. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

SANTOS, Donizeth Aparecido dos. O período de “Quase Não Literatura” Em Angola. **Revista Transdisciplinar de Letras, Educação e Cultura – UNIGRAN**, v. 2, n. 4, p. 01-08, 2006. Disponível em <http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n4/arquivos/v4/donizeth_O_PERIODO.pdf>. Acesso em 10 maio 2018.

SILVA, Renata Flavia da. Estação das chuvas: história e literatura na encruzilhada do romance. **Revista Mulemba**, v. 1, n. 8, p. 114 – 124, 2013. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4969>>. Acesso em 10 maio 2018.

SOARES, Eliane Veras. Literatura e estruturas de sentimento: fluxos entre Brasil e África. **Sociedade e Estado**, v. 26, n. 2, p. 95-112, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922011000200006>. Acesso em 10 maio 2018.

STAROBINSKY, Jean. A literatura. *In* : Le Goff, Jacques ; NORA, Pierre (orgs.) **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 2. ed. São Paulo. Perspectiva, 1992, p. 15.

WILLIAMS, Raymond. **Key words – A vocabulary of culture and society**. New York: Oxford University Press, 1983, p. 259.

Recebido: 03/01/2019

1ª Revisão: 05/16/2019

Aceite final: 29/07/2019